



CLEOMAR BRANDI: “NOTÍCIA NÃO É FOLHA DE OUTONO; NÃO CAI NO COLO”

Ênio Moraes Junior¹



O jornalista Cleomar Brandi

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

“Alguns dizem que pareço como o Vinícius de Moraes, outros me acham parecido com Paulo Freire”, diz. Seja lá como for, o que ocupa a cabeça e o coração de Cleomar Brandi, 63 anos, é o jornalismo. Embora tanto do poeta como do educador ele talvez tenha pelo menos duas características: a sensibilidade e o gosto pela palavra, especialmente pela palavra escrita.

Natural de Ipiaú, uma pequena cidade com pouco mais de 40 mil habitantes do sudeste da Bahia, há 25 anos Cleomar mora e trabalha em Aracaju, capital de Sergipe. De fala mansa e conversa agradável, apresenta a desenvoltura de quem foi contaminado pelo espírito de um jornalismo que não tem fórmula, mas que se inquieta cheio de desafios. “Somos pagos para sermos curiosos, perguntar e escrever. Isso me deixa encantado”, diz.

Com mais de 35 anos dedicados à profissão, Cleomar se confessa um boêmio cuja boemia é estratégia da profissão. Para ele, o jornalismo vive da inquietação, não apenas intelectual, mas também física do jornalista. “Quando eu saio para os bares, costumo chegar em casa cheio de guardanapos com informações, anotações e pautas. Sugestões que me dão na rua”.

Incentivador da leitura e da escrita como base para qualquer profissional da imprensa, lembra de um grande momento do jornalismo alternativo e de resistência no Brasil: os anos 70. Acende um cigarro – o segundo, em pouco mais de meia hora de entrevista – reclinase confortavelmente na cadeira de rodas, abre bem os olhos e observa com ar de orgulho: “Sou da geração do *Movimento*, do *Pasquim*, do *Opinião*. O estilo do Fausto Wolff, do Henfil, por exemplo, tinha uma riqueza vocabular que enriquecia os textos, as entrevistas”.

Para Cleomar, o bom jornalista é perspicaz no uso da palavra e presta atenção aos fatos que se passam a sua volta. “Isso me deixa encantado, mas eu não vejo muito mais esse encanto nas novas gerações”. Cleomar lamenta que, a cada entrevista que faz para contratação de novos estagiários para as redações onde trabalha, os estudantes chegam mais despreparados, menos curiosos e com vocabulário mais pobre.

Ele assinala, nas novas gerações, uma complicada perda do gosto pela profissão. “Eu trabalho em jornal impresso e elejo sempre dois repórteres para produzir uma

matéria especial de página para o final de semana. Ora, o jornal custa só dois reais, mas no domingo o repórter passa pela banca, vê que sua matéria foi manchete e espera chegar a segunda-feira para ver como ela ficou paginada ou se a abertura foi mudada. Eu não me conformo com o jornalista desinteressado, que não é curioso”.

“Essa falta de inquietação me irrita”, diz. Mas se faz a crítica a alguns profissionais, oportunamente Cleomar também aconselha jovens e futuros jornalistas. Por conta de sua experiência e, principalmente, pela desenvoltura que tem com a palavra, vez por outra é convidado para conversar com estudantes de cursos de jornalismo de Aracaju. ““Quem não lê, não escreve”, eu sempre digo isso”. E completa: “O jornalista tem que ser curioso, ler e possuir o um bom acervo de livros em casa”.

Alternativo – Em Sergipe, Cleomar passou por jornais, emissoras de televisão e trabalhou com publicidade. Atualmente é diretor de jornalismo da *TV Aperipê*, emissora de TV do Estado que ajudou a implantar. Atua também no *Jornal da Cidade* mimando uma grande paixão dentro do jornalismo: a produção. “Ela é o grande fio de água que sai da montanha, que vira rio e deságua no oceano. A produção é o começo de tudo”, diz.

“Na rua, o produtor tem que ser sempre jornalista”. Talvez seja por isso que Cleomar inquieta-se, sai de casa e circula atento a boas conversas, farejando pautas. “Se você estiver muito fechado no seu computador, sem ir para a rua, perde boas pautas”.

Exatamente por conta dos trabalhos de produção, a crônica – uma outra paixão no jornalismo – ficou abandonada. Foi aí que surgiu um desafio recente: editar o *Jornal da 13*, um tablóide alternativo em que Cleomar, junto com o sócio Paulo Lobo e uma legião de colaboradores, pretendiam exercitar um jornalismo livre, diferenciado do que estava no mercado. “Foi uma cobrança dos amigos, das pessoas que queriam ler meus textos”.

O nome do jornal era uma alusão a uma dos bairros mais famosos de Aracaju, o Treze de Julho. “Fazer jornal alternativo não é fácil do ponto de vista econômico. O *13* trouxe mais despesa que receita, mas a vantagem é que você junta uma turma para produzir e não tem ranço patronal. Minhas opiniões, da forma como saiam assinadas, nunca saíam em um jornal comercial”.

Iniciada em 2004, a experiência foi curta e deu certo por apenas cinco números, mas Cleomar pretende voltar ao projeto onde foi um dos responsáveis pela picante coluna *Malagueta*, cheia da perspicácia que ele atribui à atuação dos bons jornalistas: “A ironia liberta da receita”, diz esfuziante.

Nos últimos meses Cleomar tem se dedicado a outro projeto. O livro *Os Segredos da Loba* está em fase de orçamento de gráfica e deve ser lançado em agosto deste ano. Na obra, o autor se dedica a suas paixões, e o jornalismo não poderia ficar de fora. “Eu faço questão que você olhe, acho que você vai gostar”, fala referindo-se à prova do livro e indica a leitura do artigo *Ametista não é Diamante*. Um trecho, em especial, destaca o quanto o jornalismo está presente na sua vida: “Ao acordar pautar a verdade, ao dormir editá-la”.

Formação – Cleomar reconhece a importância da boa formação do profissional da área de jornalismo e, por conta disso, tem uma opinião clara sobre a recente suspensão da obrigatoriedade do diploma pelo Supremo Tribunal Federal. “O mercado depura”, diz, ponderando que as empresas não vão ficar em seus quadros com profissionais despreparados.

Cleomar considera que jornalismo alternativo deveria ser uma cadeira séria da graduação e que os cursos devem ser espaços para experimentações e criação de novas formas de linguagem. “Às vezes você pode ter estudantes que aprisionam seu talento no paletó academicista, mas muitos deles são altamente criativos”, observa destacando o talento escondido de estudantes que viu florescer nos estágios e nas redações.

“Sempre se pode escrever de uma maneira diferente. Por que não?”, pondera enquanto observa uma barata que agoniza em frente à sua cadeira de rodas. “Hoje fizeram uma dedetização aqui, estão todas morrendo”.

E por que não? Ele mesmo encontrou um caminho criativo para viver e superar as dificuldades de quem perdeu as duas pernas ainda na adolescência em consequência de um vírus e um posterior erro médico.

“Na época, quando meus amigos foram me visitar, fiz uma festa da meia: distribuí um par de meias para cada visita, proclamei que nenhuma mulher iria mais pegar no meu pé e nem teria mais chulé”.

Recentemente Cleomar protagonizou uma cena hilária no centro de Aracaju. Depois de umas cachaças, numa Quinta-feira Santa, resolveu ir à Catedral da cidade participar da cerimônia católica do Lava-Pés. “Queria ver a cara do padre, mas os amigos acharam que seria demais e se recusaram a colaborar”, lamenta.

A vivacidade e a inquietação parecem ser mesmo características dos bons jornalistas. “Notícia não é folha de outono, não cai no colo”. Cleomar pausa a fala, acende mais um cigarro do maço, olha em volta: “A notícia tem que ser buscada. O bom jornalista tem que estar física e mentalmente rodando”. Sentencia com a segurança de quem segue a risca aquilo que fala. Às vezes as palavras de Cleomar fazem lembrar a inquietação da poesia de Vinícius e a ousadia da educação de Paulo Freire.